

CEDI

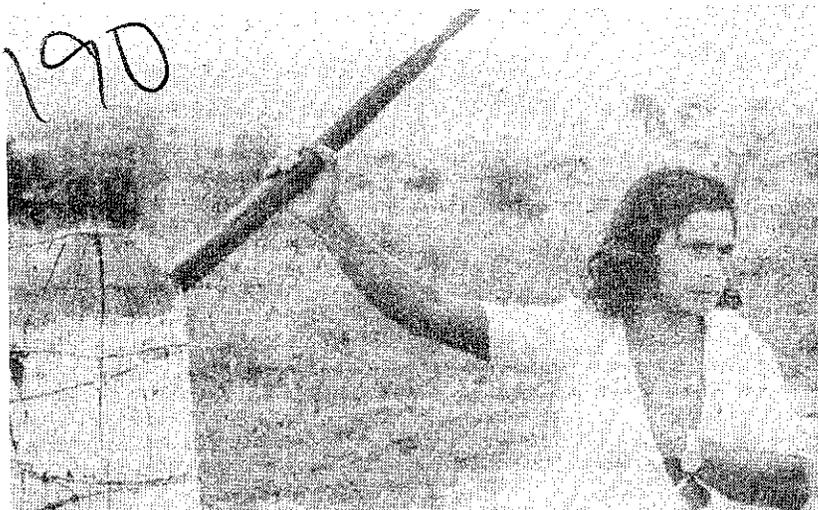
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: _____

Data: 11.01.83

Pg.: _____



Saracura bate com a borduna no mourão ao dar entrevista de má vontade

Cacique dos pataxós viaja três dias para dar boa nova

PAU BRASIL, BA (O GLOBO) — Depois de viajar durante quase dois dias em uma Kombi da Funai que saiu de Brasília na madrugada de domingo com pouca gasolina, chegou a Pau Brasil no princípio da tarde de ontem o Cacique Pataxó Nelson Saracura, para comunicar oficialmente a mais de 600 índios da sua tribo — que ocupam a Fazenda São Lucas, na área da reserva Caramuru Paraguassu — que a Justiça Federal havia garantido à comunidade o direito de lá permanecer, pelo menos até o julgamento definitivo a respeito da posse das terras.

Até então, a decisão do Juiz Lázaro Guimarães, da 2ª Vara da Justiça Federal da Bahia — decisão tomada na sexta-feira passada —, era conhecida apenas de forma superficial pelos agentes da Funai e da Polícia Federal que se encontram na área dando garantias aos índios e ouviram a notícia em uma televisão que há no posto e que só tem som. O aparelho de rádio-amador também estava quebrado e havia grande expectativa pela chegada de Saracura e dos índios e funcionários da Funai que o acompanhavam para conhecer a informação com maiores detalhes, em uma cidade onde nem jornal chega.

Apesar da boa notícia, a disposição dos índios e do seu Cacique para com os estranhos que tentavam entrar na reserva, entre os quais os jornalistas, era a mesma de sempre: cara fechada para homem branco e pouca disposição para deixar que ele penetre em suas terras, mesmo para uma simples entrevista.

Saracura não permitiu a entrada da equipe do GLOBO na reserva. Desceu para atendê-los no portão de entrada e foi logo comunicando:

— Agora, temos muito trabalho pela frente e eu não vou ter mais tempo para ficar atendendo jornalista. O branco tem uma conversa muito comprida e às vezes traidora. Escreve uma légua de papel e complica tudo. Com a gente, a coisa é mais rápida: tem direito, é seu, tome. Não tem direito, não tem, pronto.

Dando violentas pancadas com uma borduna numa das estacas da cerca que protege a reserva, Saracura ia respondendo com pouca boa vontade às perguntas. Explicou que já foi a Brasília umas trinta vezes, “sempre labutando para resolver este problema das terras”, e acrescentou esperar uma decisão da Justiça favorável aos índios, por não haver dúvida quanto ao direito deles sobre a área da reserva. Ele também disse não ter medo de uma reação dos fazendeiros diante da decisão judicial:

— Eles sempre falam em violência, mas eles sabem onde mandam bala e nós sabemos onde devolver. Agora, eles têm que respeitar a decisão da Justiça, como nós respeitamos até agora. A gente sabia que o direito era nosso.

Saracura disse que ainda estava “com a cabeça cansada, com muito pensamento”, acrescentando que somente quando descansar da viagem é que vai começar a tomar as primeiras providências para solucionar os problemas pendentes da tribo.

— O que a gente quer mesmo — explicou — é trabalhar, ter as nossas sementes para começar a plantar e começar logo, ainda esta semana, porque o tempo do plantio está quase vencido.

Sobre a possibilidade de o Governo da Bahia recorrer da decisão judicial, Saracura não quis opinar, fazendo um comentário sucinto:

— Se o Governador acha que ele é mais que o juiz ...

Durante toda a rápida entrevista concedida na entrada da reserva, apenas em um momento Saracura sorriu: quando foi perguntado se a tribo faria alguma comemoração pela vitória judicial que lhe permitiu o direito de permanecer na Fazenda São Lucas.

— Comemoração — disse — é coisa da comunidade, coisa nossa. E não vamos passar isso para o civilizado. E segredo da gente e no segredo é que está a segurança.